

LIA MAESTRELLI BIZZO

Entre estética ambiental e ecologia: intimidade, engajamento e continuidade no trabalho de Ana Mendieta

Between environmental aesthetics and ecology: intimacy, engagement and continuity in the work of Ana Mendieta

Entre la estética ambiental y la ecología: intimidad, compromiso y continuidad en la obra de Ana Mendieta

Lia Maestrelli Bizzo

Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (2018), graduação em Período de Estudo pelo Programa Ciências sem Fronteiras - Università degli Studi di RomaTre (2015). Atua como arquiteta e artista visual, investigando questões ecológicas e relações com a natureza. Atualmente, está cursando o mestrado do Programa de Pós-graduação em Arquitetura da UFRJ, ProArq (início em 2023), sob a orientação da Prof. Fabíola do Valle Zonno.

She holds a degree in Architecture and Urbanism from the Federal University of Santa Catarina (2018), with a Study Period from the Science Without Borders Program - Università degli Studi di RomaTre (2015). She works as an architect and visual artist, investigating ecological issues and relationships with nature. Currently, she is pursuing a master's degree in the Architecture Post Graduate Program at UFRJ, ProArq (starting in 2023), under the supervision of Prof. Fabíola do Valle Zonno.

Es licenciada en Arquitectura y Urbanismo por la Universidad Federal de Santa Catarina (2018) y posee un título de posgrado del programa Ciencia sin Fronteras de la Università degli Studi di RomaTre (2015). Trabaja como arquitecta y artista visual, investigando temas ecológicos y la relación con la naturaleza. Actualmente, cursa un máster en el Programa de Posgrado en Arquitectura ProArq de la UFRJ (a partir de 2023), bajo la supervisión de la profesora Fabíola do Valle Zonno.

lia.bizzo@fau.ufrj.br

Resumo

O presente artigo oferece uma leitura do trabalho “Siluetas”, da artista cubana Ana Mendieta, feito na década de 1970, como uma aproximação do conceito de “estética ambiental”, elaborado por Thibaud, sociólogo francês contemporâneo. O artigo é relevante por abordar temáticas ecológicas, atreladas ao Antropoceno, apoiando-se em Eileen Crist, que defende uma integração entre humanos e biosfera, além de aproximar-se das ideias de Wellington Cançado, que elucida como a arquitetura e a construção civil estão implicadas na nossa separação da natureza, não só do ponto de vista material, mas também poético. A partir disso, o trabalho de Ana Mendieta é trazido como meio para construção de intimidade com a natureza, de forma a perceber o que a artista chama de “seiva universal”, que conecta todos os seres, em diálogo com as noções de “continuidade” e “engajamento”, presentes na “estética ambiental” de Thibaud. Assim, neste artigo, adentramos no processo artístico de Ana Mendieta, de modo a fabular maneiras de produzir estados de hipersensibilidade e intimidade com a natureza. Para o Thibaud, as “ambiências são capazes de provocar, mesmo que de maneira vaga, algumas sensações que se remetem às transformações do meio ambiente do planeta, podendo funcionar, assim, como guias de alerta para a conscientização dessas alterações” (Thibaud, 2012, p.15). Por isso, o cruzamento com a noção de ecologia a partir de Guattari também é trazida no artigo, desenvolvendo um pensamento sobre a hipersensibilidade presente no trabalho de Ana Mendieta como uma maneira de entender e aprofundar as noções de engajamento e continuidade, presentes na “estética ambiental”, que são caras para perceber e lidar com questões ecológicas. Com efeito, o artigo contribui com o campo da arquitetura e do urbanismo tratando de um tema atual, que é a crise ecológica e climática, oferecendo a leitura de um trabalho de arte como meio para pensar a estética ambiental, dando importância a aspectos sensíveis e artísticos no pensamento sobre ecologia. Assim, elabora-se uma maneira de instaurar intimidade com o ambiente, de maneira que aspectos ecológicos fiquem mais aparentes.

Palavras-chave: Estética ambiental. Ecologia. Ana Mendieta. Intimidade com a natureza. Corpo e ambiente.

Abstract

This article offers a reading of the work "Siluetas" by Cuban artist Ana Mendieta, created in the 1970s, as an approximation of the concept of "environmental aesthetics" developed by Thibaud, a contemporary French sociologist. The article is relevant because it addresses ecological themes linked to the Anthropocene, drawing on Eileen Crist, who advocates for an integration between humans and the biosphere, and also drawing on the ideas of Wellington Cançado, who elucidates how architecture and construction are implicated in our separation from nature, not only from a material but also a poetic perspective. From this perspective, Ana Mendieta's work is presented as a means of building intimacy with nature, in order to perceive what the artist calls the "universal sap" that connects all beings, in dialogue with the notions of "continuity" and "engagement" present in Thibaud's "environmental aesthetics." Thus, in this article, we delve into Ana Mendieta's artistic process, devising ways to produce states of hypersensitivity to nature. For Thibaud, "ambiances are capable of provoking, even if vaguely, sensations that refer to the transformations of the planet's environment, thus functioning as alert guides for raising awareness of these changes" (Thibaud, 2012, p. 15). Therefore, the intersection with Guattari's notion of ecology is also brought up in the article,

Entre estética ambiental e ecologia: intimidade, engajamento e continuidade no trabalho de Ana Mendieta

Between environmental aesthetics and ecology: intimacy, engagement and continuity in the work of Ana Mendieta

Entre la estética ambiental y la ecología: intimidad, compromiso y continuidad en la obra de Ana Mendieta

developing a reflection on the hypersensitivity present in Ana Mendieta's work as a way to understand and deepen the notions of engagement and continuity, present in "environmental aesthetics," which are essential for perceiving and addressing ecological issues. Indeed, the article contributes to the field of architecture and urbanism by addressing a current issue: the ecological and climate crisis. It offers a reading of a work of art as a means of reflecting on environmental aesthetics, emphasizing sensitive and artistic aspects in ecological thinking. Thus, it develops a way to establish intimacy with the environment, so that ecological aspects become more apparent.

Keywords: Environmental aesthetics. Ecology. Ana Mendieta. Intimacy with nature. Body and environment.

Resumen

Este artículo ofrece una lectura de la obra "Siluetas" de la artista cubana Ana Mendieta, creada en la década de 1970, como una aproximación al concepto de "estética ambiental" desarrollado por Thibaud, sociólogo francés contemporáneo. El artículo es relevante porque aborda temas ecológicos vinculados al Antropoceno, basándose en Eileen Crist, quien aboga por la integración entre los seres humanos y la biosfera, y también en las ideas de Wellington Cançado, quien explica cómo la arquitectura y la construcción están implicadas en nuestra separación de la naturaleza, no solo desde una perspectiva material sino también poética. Desde esta perspectiva, la obra de Ana Mendieta se presenta como un medio para construir intimidad con la naturaleza, para percibir lo que la artista llama la "savia universal" que conecta a todos los seres, en diálogo con las nociones de "continuidad" y "compromiso" presentes en la "estética ambiental" de Thibaud. Así, en este artículo, profundizamos en el proceso artístico de Ana Mendieta, ideando maneras de producir estados de hipersensibilidad hacia la naturaleza. Para Thibaud, «los ambientes son capaces de provocar, aunque sea vagamente, sensaciones que remiten a las transformaciones del entorno planetario, funcionando así como guías de alerta para la concienciación sobre estos cambios» (Thibaud, 2012, p. 15). Por lo tanto, el artículo también aborda la intersección con la noción de ecología de Guattari, desarrollando una reflexión sobre la hipersensibilidad presente en la obra de Ana Mendieta como una forma de comprender y profundizar en las nociones de compromiso y continuidad, presentes en la «estética ambiental», esenciales para percibir y abordar las cuestiones ecológicas. De hecho, el artículo contribuye al campo de la arquitectura y el urbanismo al abordar un tema de actualidad: la crisis ecológica y climática. Ofrece una lectura de una obra de arte como medio para reflexionar sobre la estética ambiental, enfatizando los aspectos sensibles y artísticos del pensamiento ecológico. De esta manera, se desarrolla una forma de establecer intimidad con el medio ambiente, de manera que los aspectos ecológicos se hagan más evidentes.

Palabras clave: Estética ambiental. Ecología. Ana Mendieta. Intimidad con la naturaleza. Cuerpo y entorno.

Introdução

Em um contexto de colapso ecológico e de crescente distanciamento entre humanos e meio ambiente, torna-se urgente repensar as formas de relação sensível com a Terra. Este artigo propõe uma leitura do trabalho da artista cubana Ana Mendieta como prática estética que engendra modos de reconexão com o ambiente natural, articulando corpo, matéria e paisagem em busca de pertencimento e origem. Ao inscrever seu corpo na terra, nas águas e nas superfícies naturais, Mendieta cria processos de fusão entre o humano e o não humano, instaurando uma poética de continuidade entre corpo, arte e natureza.

A relevância desta pesquisa está em situar a produção de Mendieta no campo das discussões contemporâneas sobre o Antropoceno, a crise ecológica e o pensamento pós-antropocêntrico. Em um mundo em que a “violência tectônica” (Cançado, 2017) — material, ética e simbólica — se torna evidente, a arte de Mendieta oferece caminhos para um engajamento ambiental, podendo ser um meio para estabelecer intimidade com a natureza. Sua obra dialoga com a “estética ambiental” (Thibaud, 2012), em que o corpo é entendido como participante ativo do ambiente, e não como observador distanciado, convocando um estado de hipersensibilidade que se opõe à lógica extrativista e industrial moderna.

A partir das perspectivas de autores como Guattari (1990), Eileen Crist (2022), Huyssen (2014), Owens (1980) e Ingold (2012), o artigo articula noções de ruína e alegoria como potências críticas na obra de Mendieta. Sua série *Siluetas* é analisada como um gesto de desantropocentrização, na qual as silhuetas do corpo são uma maneira de ativar engajamento ético e estético com o planeta, assim como de construção de intimidade com a natureza. Assim, busca-se compreender como o trabalho de Ana Mendieta propõe modos sensíveis de habitar o mundo — modos que, mais do que representar a natureza, a convocam como presença viva, coautora e agente de transformação.

Crise ecológica e estética ambiental: por uma reaproximação sensível com a Terra

O presente artigo analisa o trabalho da artista Ana Mendieta, que investiga relações de engajamento e intimidade com o meio ambiente, na busca da sensação de pertencimento, que vem atrelada a uma busca por origem. Segundo a artista: “Não há passado original para resgatar: há o vazio, a orfandade, a terra não batizada do início, o tempo que de dentro da terra nos olha. Há sobretudo a busca pela origem” (Galerie Lelong & Co, 2020). Neste artigo, adentramos no processo artístico de Ana Mendieta, de modo a fabular maneiras de produzir estados de hipersensibilidade e intimidade com o meio ambiente.

O artigo torna-se relevante por estar situado em um pensamento que percebe o mundo em colapso, no qual há a necessidade de criar empatia com o ambiente, especialmente com o ambiente natural, para que seja possível estabelecer outros encontros entre humanos e não humanos. O mundo em colapso se descreve ao perceber a quantidade de lixo presente na crosta terrestre, o desmesurado consumo de matéria prima, as desigualdades sócio ambientais, a exagerada produção de gases estufa, etc. Em “Desconstrução Civil”, Wellington Cançado escreve sobre um ciclo vicioso ecocida, ao qual a arquitetura e a construção civil estão profundamente atreladas. Os processos de industrialização e grande escala de construções operam sob uma “violência tectônica”, segundo o autor, intrínseca ao modo ocidental de construir cidades.

A “violência tectônica” da qual fala Cançado remete não apenas a uma violência contra o meio ambiente e os materiais naturais, mas também contra uma ética sobre a utilização dos materiais, na qual seu alinhamento com aspectos culturais, políticos e estéticos está comprometido. O autor escreve sobre uma violência contra a própria Terra, a própria geologia e contra os enredos poéticos que os materiais trazem consigo. O autor traz dados importantes:

Passamos boa parte de nossa existência na Terra inventando formas de manipular o ambiente natural e minimizar os impactos da natureza sobre a nossa vida, mas desde que este processo se tornou industrial e os produtos e artefatos arquitetônicos se espalharam pelo planeta, criando um estrato urbano altamente artificializado, a demanda por recursos renováveis e não renováveis extrapolou em muito a capacidade do planeta de se autorregular. Mesmo assim, neste exato momento, 50% da água disponível e 45% da energia produzida no mundo estão sendo consumidas para construção de edifícios em que ninguém pretende morar, de viadutos que não resolverão o problema do trânsito, de hidrelétricas que arruinarão as florestas e a vida de seus habitantes, de calhas de concreto que condenarão por gerações os rios e tantas outras modernizações indesejáveis. Assim como 80% das áreas agricultáveis estão sendo ocupadas por empreendimentos imobiliários, 30% dos rios, sendo despejados em caçambas como areia, 40% das montanhas, britadas ou transformadas em fachadas de luxo, 25% das florestas tropicais estão sendo transformadas em decks, assoalhos e forros pela compulsão construtiva anônima ou pelo cinismo estrutural de arquitetos-celebridades. (Cançado, 2017¹)

Defende-se aqui que há uma grande falta de intimidade com a natureza, com a matéria natural, ocasionada pela industrialização, e que é um dos efeitos do Antropoceno, nome do evento geológico em que os humanos entendem-se no centro da história, superiores a outras espécies, acarretando em seu consequente afastamento de outros seres (Crist, 2022). Eileen Crist afirma: “O esquecimento da Terra se projeta, então, no futuro da humanidade, no qual o próprio esquecimento será esquecido se a Terra puder ser disciplinada para permanecer um palco humano seguro e funcional” (Crist, 2022, pg 42). Guattari ainda lembra que “não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais” (Guattari, 1990, p. 9).

Cançado e Guattari colocam “os objetivos da produção de bens materiais e imateriais” em xeque, pois estão fazendo uma crítica ao modo de habitar o planeta. Assim, se queremos atingir uma desengenharia que reencontre as florestas por vir sob o pavimento planetário, primeiramente teremos que concordar que essa é uma revolução política, social e cultural. Não estamos falando somente de investigar materiais menos poluentes, alimentos mais saudáveis, dejetos mais biodegradáveis. “Desantropocentrizar o humano”, como argumenta Cançado, é um trabalho que compreende essas ações, mas que não se encerra aí, estando, principalmente, numa dimensão mais sutil e profunda, na qual os humanos seriam instados a ressignificar suas relações com os outros seres: rever os objetivos da produção de bens materiais e imateriais.

Eileen Crist argumenta que se aceitássemos a impossibilidade de reinventar o modo de habitar o planeta, atestariamos a nossa indiferença à “maneira como engolimos cada vez mais o mundo mais que humano” (Crist, 2022, p. 48). Ainda segundo Crist: “Uma vida humana integrada só pode ser imaginada e criada numa perspectiva de profunda deferência ao mundo vivo” (Crist, 2022, p. 49). Com sua argumentação, a autora procura por pré-requisitos para que uma integração da vida humana à biosfera se concretize, e um deles é transformar esse modo de ver a Terra:

¹ Retirado da versão digital da revista Piseagrama, atualmente editada por: Felipe Carnevalli, Fernanda Regaldo, Paula Lobato, Renata Marquez e Wellington Cançado. Sem paginação.

Para que os humanos e a biosfera se tornem integrais, é preciso varrer a relevisão do planeta como uma variedade de “recursos” (ou “capital natural”, “serviços ecossistêmicos”, “paisagens funcionais” e assim por diante), em favor de uma visão mais cósmica e verdadeira da Terra como um planeta selvagem transbordando abundância e criatividade. (Crist, 2022, p. 57)

A autora termina seu texto reforçando a importância de desindustrializar a relação com a terra, com os oceanos e com os animais domésticos, num primeiro passo para garantir que nossos descendentes terão o “privilegio de testemunhar a grandeza da Terra” (Crist, 2022, p. 58). A desindustrialização e a desantropocentrização engendram um trabalho sério e necessário, extremamente complexo, que convoca as mais diversas áreas do conhecimento a agirem juntas perante essa necessidade. Este trabalho sensível é também experimentado e pensado pela arte. Por isso, o presente artigo analisa o trabalho de Ana Mendieta como possibilidade de engajamento, continuidade, hipersensibilidade ou ainda de intimidade com a natureza, necessário perante o contexto de crise climática, de reconhecimento da diversidade de seres terrestres, de entendimento dos agenciamentos produzidos com esses, que influenciam a subjetividade e o próprio devir humano.

Assim, a “estética ambiental”, descrita por Thibaud em “A cidade através dos sentidos”, é um meio para atingir uma noção ampliada de “meio ambiente”, que a investiga não só ambiências com forte presença da natureza, mas também as ambiências em que a fantasia e a imaginação são predominantes. O autor coloca que essa corrente estética começou por causa de um forte interesse nas questões ambientais e climáticas, abrindo o campo através do paisagismo e do papel da natureza na cidade. A “estética ambiental” de Thibaud pode ser aproximada das palavras de Cançado ao perceber que ambos os autores não se preocupam apenas com questões ambientais no sentido de preservação da natureza, mas também com questões que remetem à psique, à criatividade e imaginação, que são peças importantes para engendrar o pensamento de futuro e devir, discurso que vai ao encontro de Guattari e de Crist. Uma das noções-chave da estética ambiental é a de engajamento estético, em que “o ser humano é necessariamente conectado com o mundo do qual ele participa” (Thibaud, 2012, p. 8), por isso, “o meio ambiente não é um mero recipiente ou uma entidade externa que possa ser estudada independentemente da experiência que ele cria” (Thibaud, 2012, p. 8).

Para entender a “estética ambiental”, primeiramente temos que tomar a palavra “estética” em seu sentido original *aesthesis*, que é a percepção pelos sentidos, não somente pelo julgamento de gosto ou de filosofia da beleza. Segundo Thibaud, as mudanças tecnológicas e sociais pelas quais passam as cidades implicam num desejo cada vez maior de experimentação dos ambientes pelos sentidos. Assim, erige a noção de “estética ambiental”, em que o ambiente é compreendido para além das fronteiras entre o natural e o urbano: o ambiente está no “âmbito dos espaços vivos onde os seres humanos estão imersos”. (Thibaud, 2012, p. 7)

Dentro da “estética ambiental”, existem as noções conjuntas de continuidade e engajamento. A noção de continuidade questiona essa abordagem dualista que separa a mente do corpo, o natural do cultural e o ser humano do meio ambiente. “Ao invés de conceber o sujeito como um observador que não se envolve com o mundo que ele observa, ele deve ser visto como um participante ativo engajado nas situações a que é confrontado.” (Thibaud, 2012, p. 8).

O autor discute também a “estética das ambiências”, que “ênfatiza a atividade de percepção dos sujeitos e o papel das práticas sociais na concepção sensível do ambiente construído permitindo, dessa forma, que se preste maior atenção às tonalidades afetivas da vida urbana”. A partir da estética das ambiências, é possível “restituir o

lugar dos sentidos na experiência dos espaços vividos; ela permite caracterizar nossas formas de experienciar a vida urbana; ela auxilia também a imaginar e criar espaços urbanos e arquitetônicos” (Thibaud, 2012, p. 10). Ainda segundo Thibaud:

Podemos também perguntar como uma abordagem das ambiências abre novas perspectivas para questões do meio ambiente sustentável, da mudança climática ou da poluição atmosférica. Afinal de contas, elementos variados como ar, água e plantas são tanto recursos naturais quanto fatores que compõem a ambiência. Conectar uma estética das ambiências urbanas e arquitetônicas a uma ecologia dos ambientes naturais e físicos certamente permitiria uma melhor aplicação e consciência das questões, assim como um novo entendimento dos mecanismos para integrar tais questões ao cotidiano dos cidadãos. Para além do ativismo ambiental, que traz os problemas ecológicos para a esfera pública, as ambiências são capazes de provocar, mesmo que de maneira vaga, algumas sensações que se remetem às transformações do meio ambiente do planeta, podendo funcionar, assim, como guias de alerta para a conscientização dessas alterações (Thibaud, 2012, p. 15).

Ao cruzar as noções de “crise climática” e “crise ecológica”, com apoio das noções de estética ambiental e de estética das ambiências, podemos inferir que as formas como os engajamentos e continuidades entre corpo e ambiente são feitas atualmente devem mudar se quisermos reencontrar as florestas por vir sob o pavimento planetário. É preciso desenvolver estados de hipersensibilidade, relações de intimidade com a matéria, que nos faça perceber a Terra e a humanidade de maneira integral, como explica Crist. Não basta apenas entender que os corpos conectam-se aos espaços, à matéria e às atmosferas: é preciso também problematizar e politizar essas associações para uma integração maior com a Terra.

Ana Mendieta e a construção de intimidade com a Terra

O trabalho de Ana Mendieta torna-se meio para construção de intimidade com o meio ambiente, uma vez que, através de processos performáticos, a artista cubana conecta-se profundamente à natureza. Oferecemos uma leitura do trabalho da artista defendendo que Mendieta engendra processos de “arruinamento” de seu próprio corpo, entrando em profunda sinergia com a paisagem natural, evocando o que a artista chama de “seiva universal”, que define como um “fluxo que passa por todos os seres”. Por isso, aproxima-se das noções de engajamento e continuidade da “estética ambiental” ou então de hipersensibilidade e de intimidade com a natureza.

A série “Siluetas”, iniciada em 1973, de Ana Mendieta, traz imagens em que o corpo da artista e a marca deixada por ele estabelecem relações profundas com o entorno, nas quais fluxos sensíveis com o ambiente natural passam continuamente. As marcas no chão, deixadas após a ação performática de deitar-se e esperar efeitos naturais, como as ondas da água do mar, a marca das plantas que se dobram por causa do peso do corpo da artista, ou mesmo a marca deixada na terra, como um carimbo que o corpo faz no chão, são provocações para a emergência de um fluido universal, que a artista chama de seiva. Mendieta fez suas instalações, na maior parte das vezes, em ambientes intocados pela ação antrópica, resgatando uma temporalidade geológica, que a aproxima de uma origem ancestral e universal. Na voz de Mendieta:

Minha arte é baseada na crença de uma energia universal, que atravessa tudo, do inseto ao homem, do homem ao espectro, do espectro à planta, da planta à galáxia. Minhas obras são as veias de irrigação deste fluido universal. Através delas ascendem a seiva ancestral, as crenças originais, as acumulações primordiais, os pensamentos inconscientes que animam o mundo. (MoMa, 2024²)

A série “Siluetas” atualmente pode ilustrar o pensamento ecofeminista, colocando-se junto à natureza, procurando por maneiras de convivência e não de exploração da Terra. Ao marcar seu corpo na terra, Mendieta ressignifica preconceitos atrelados à sua identidade e, ao mesmo tempo, faz com que esses significados atinjam campos mais sutis da arte e da filosofia, atingindo noções de ecologia. Para a artista, “a arte era, acima de tudo, a sua própria existência e o meio pelo qual restabelecia os elos que a ligavam ao Universo” (Paulo, Freitas, Labra, 2023³). “Sou capaz de me transcender numa submersão voluntária e numa identificação total com a natureza. Através da minha arte, quero expressar o imediatismo da vida e a eternidade da natureza.”, explica Ana Mendieta, segundo a Galeria Lelong & Co (2020). No texto curatorial da exposição “Terra abrecaminhos” no SESC Pompeia, Miranda escreve:

Em trabalhos que fundem seu corpo à terra, ela reposiciona a todo tempo sua representação. Propõe, com essas estratégias, desvios à restrita posição de objeto a ser contemplado, silenciado e oprimido, em direção a uma deriva expansiva como sujeito protagonista do próprio discurso e criação, em confronto com os estereótipos atribuídos às noções de “mulher”, “artista”, “latina”, e “migrante”. (Miranda, 2023⁴)

Ana Mendieta propõe um deslocamento de sentidos sobre a sua própria imagem, estendendo esse deslocamento a outras questões do mundo. Por isso, Ana Mendieta produz trabalhos alegóricos, que têm a capacidade de resgatar, do esquecimento histórico, o que está ameaçado de ser esquecido, incluindo questões ecológicas pertencentes à ecosofia de Guattari. O tom alegórico do trabalho de Mendieta busca mudanças ontológicas, potente enquanto investigação para construção de intimidade e de hipersensibilidade através de ambiências que conectam seu corpo aos materiais. Mudanças ontológicas devem acontecer na busca da “desantropocentrização”, e esse tipo de mudança é a base da alegoria.

Para Craig Owens, crítico de arte pós-modernista, a alegoria normalmente está no fragmentado, no imperfeito, incompleto. Por isso, a maior expressão da alegoria está, normalmente, na ruína. Owens refere-se à ruína arquitetônica, que representa a história e o processo de dissolução e de decaimento das civilizações. A alegoria é a forma em que a sujeição do homem à natureza fica mais óbvia, dá origem à enigmática questão da natureza do ser humano como tal mas também da historicidade biográfica do indivíduo. Esse é o cerne da maneira alegórica de ver as coisas. (Owens, 1980)

Em site-specificity e land art, existe uma relação dialética entre obra e local, uma relação impermanente, uma vez que as obras são “abandonadas” às forças que corroem e recuperam a obra à natureza. Por causa dessa poética da transitoriedade, da efemeridade do trabalho de land art, normalmente as obras são preservadas através de fotografias, num desejo de estabilizar o transitório, justamente de preservar o que está ameaçado de desaparecer (Owens, 1980).

² Citação do texto “Ana Mendieta: Nile Born. 1984”, versão digital, sem paginação.

³ Citação do texto “Fronteira-morada como lugar entre poesia e retórica” da exposição Terra Abrecaminhos, ocorrida no SESC Pompeia, em São Paulo, de setembro de 2023 a janeiro de 2024.

⁴ Citação do texto “Quando o entre-lugar aponta para novas direções” da exposição Terra Abrecaminhos, ocorrida no SESC Pompeia, em São Paulo, de setembro de 2023 a janeiro de 2024.

A arquitetura modernista, por outro lado, rejeita um retorno da cultura à natureza. O aço, o concreto, o vidro rejeitam a erosão, as marcas da decadência, enquanto a pedra, por exemplo, pode conviver de maneira poética com o musgo e os sinais do tempo. Essa rejeição faz emergir uma outra temporalidade, que está relacionada ao presente, que não possibilita um entrelaçamento entre o passado e o presente, entre a natureza, a cultura e a arquitetura, entre a morte e a vida. (Huyssen, 2014) Segundo Owens, “A alegoria é um pulo do tigre ao passado”, porque tem o poder de invocar algo e fazer conviver com o presente e, por isso, Owens também usa a ruína como imagem forte para a alegoria. (Owens, 1980)

As obras de Mendieta, que propõem uma sinergia intensa, por meio da seiva universal que a artista invoca, serve de exemplo para esse entrelaçamento entre o passado e o futuro. É através desse arruinamento alegórico que Ana Mendieta desfaz fronteiras entre seu corpo e a paisagem, erigindo maneiras de encontrar novos agenciamentos entre corpo e materiais, corpo e outros seres, corpo e Terra. Por isso, seu legado é uma rica possibilidade para refletir sobre o estabelecimento de intimidade com a natureza. Ao fazer suas obras, Ana Mendieta preocupa-se com os movimentos de seu corpo assim como com os materiais a serem usados. Por isso, sua obra tem forte cunho ritualístico. Essa ética em sua produção se assemelha a rituais pré-colombianos da América Central, e parece estar ligada à sua vivência com a Santería, religião existente em Cuba. (Latina (s.a.))

O uso da terra na obra se dá por uma forte influência da Santería – religião afro-cubana à qual Mendieta foi [...] apresentada durante a infância. De acordo com as narrativas e os rituais da religião, a terra é uma entidade viva de troca de poder, magia e energia. Nesse sentido, a terra é uma grande mãe que dá vida aos seus filhos. Ao olhar para a ancestralidade, se encontra um feminino místico e forte. (Mendonça, 2021⁵)

A suposta influência da Santería pode apontar o engajamento mental da artista com sua arte, pode ser um caminho que a artista se propõe a seguir para acessar uma conexão profunda com a matéria, com a Terra enquanto entidade viva. Essa influência pode ser, sobretudo, um caminho para mudar gestos cotidianos, gerando novas acumulações de gestos disruptivos, que dão origem a outros significados alegóricos. Segundo a artista:

Minha arte é baseada na crença em uma energia universal que atravessa todo ser e matéria, todo espaço e tempo. Meus trabalhos são os veios de irrigação desse fluido universal. Através deles ascende a seiva ancestral, as crenças originais, as acumulações primordiais, os impulsos inconscientes que animam o mundo. (Galerie Lelong & CO, 2020)

Com “Silhuetas”, Mendieta abre caminhos para pensar a presença e a ausência, uma vez que uma silhueta não é um corpo, mas uma imagem que remete a um corpo. Trazendo elaborações sobre vida, morte, presença e ausência, a artista evoca um imaginário que está além dos materiais e gestos de sua obra, ela traz à tona o pensamento sobre a ética de uso dos materiais, as relações espirituais entre corpo e matéria, corpo e Terra, assim como a ética acerca do tratamento que damos aos materiais e a nossos próprios corpos, dando importância aos corpos femininos. Gorjon escreve:

5 Citação do texto “O corpo como poética e política: a presença de Ana Mendieta”, sem paginação.

Entre estética ambiental e ecologia: intimidade, engajamento e continuidade no trabalho de Ana Mendieta

Between environmental aesthetics and ecology: intimacy, engagement and continuity in the work of Ana Mendieta

Entre la estética ambiental y la ecología: intimidad, compromiso y continuidad en la obra de Ana Mendieta

Quando ela utiliza seu corpo, não faz apenas uma opção estética, se trata de uma reivindicação não só na arte, mas no modo como o ser humano se relaciona e principalmente, produz aliança com a natureza, com a terra e com os outros não humanos. (Gorjon, 2017, p.2)

Ainda sobre as relações entre humanos e não humanos, Fortes escreve:

Entre o rito, o sacrifício e a magia, o trabalho de Ana Mendieta navegava entre avivamentos da relação entre si mesma e a natureza, rompendo as separações racionalistas entre natureza e cultura, e a contestação das violências materiais e simbólicas que podem sofrer os corpos subalternizados. (Fortes, 2023⁶)

Considerações Finais

Na série “Siluetas”, Mendieta busca encontrar um estado de continuidade com o ambiente e fazer circular a seiva universal. Nesse sentido, a artista parece evidenciar uma certa troca entre as superfícies, à medida que suas obras da série “Siluetas” normalmente não impõem formas fixas à matéria, mas estágios transitórios, nos quais os vestígios de seu corpo e significados ontológicos navegam através da “seiva universal”. Por meio da efemeridade das obras, a artista reúne a matéria de forma a redirecionar seu fluxo para o que está por vir, o que faz também lembrar o modelo hilemórfico de mundificação de Tim Ingold. (Ingold, 2012)

Ingold estabelece uma relação essencial entre materiais e forças, dizendo que todas as coisas são reuniões de fios vitais, são lugares onde vários acontecimentos se enlaçam. Ingold também defende que as coisas vazam, elas estão sempre transbordando das superfícies que se formam temporariamente em torno delas. Para Ingold, a estaticidade da forma, o encerramento da matéria numa forma, num objeto, é a própria morte. Haverá vida somente num mundo em que o céu e a terra se misturam, por isso, deve-se levar em consideração que as coisas têm vida, movimento e agência. As coisas estão num constante caos, ou seja, vivas produzindo agência com o entorno, porque a própria vida recusa-se a ser contida. (Ingold, 2012)

O trabalho do artista, para Ingold, é juntar-se e seguir os fluxos dos materiais, que dão forma ao trabalho. Assim, o trabalho do artista comunga com sua história de vida, necessária para ler indiretamente os fluxos dos materiais. Na voz do autor: “Há algo em comum [...] entre o modo como as palavras são escritas numa página de um texto e o modo como os movimentos e ritmos da atividade humana e não humana são registrados no espaço vivido” (Ingold, 2012, p. 39). Ingold procura erigir um “ambiente sem objetos”, um mundo em que as coisas estão vivas e são pura matéria em fluxo, são agregados de fios de vida, sem começo e nem fim, como uma grande tapeçaria da natureza tecida pela história.

O “ambiente sem objetos” de Ingold pode ser uma boa tradução para os fenômenos que ocorrem nas obras de Mendieta, enquanto flui a “seiva universal”. Essa dinâmica entre superfícies, esse fluido que passa e conecta todos os seres, é uma possibilidade de ilustração das noções de engajamento e continuidade da “estética ambiental”, e engendram, enfim, estados de hipersensibilidade e de construção de intimidade com a natureza e com o ambiente. O trabalho de Mendieta é forte para trazer noções de ecologia, como escrevem Alessandrini e Wuertz:

⁶ Citação do texto “A trajetória de Ana Mendieta a partir de duas exposições no Sesc Pompeia”. Sem paginação.

Hoje, a artista multidisciplinar Ana Mendieta é lembrada por uma obra ricamente realizada que fundiu as tradições religiosas afro-cubanas com o pensamento feminista e questões ecológicas. Suas obras de arte “corpo terrestre” usaram o mundo natural e seu próprio corpo como poderosos meios de expressão, questionando a relação da humanidade com a terra e o cosmos. (Alessandrini, Wuertz, 2021)

Assim, no presente artigo, procurou-se aproximar a “estética ambiental” de Thibaud, em que o corpo é entendido como participante ativo do ambiente, à obra “Siluetas”, de Ana Mendieta, com o intuito de mostrar como as noções de hipersensibilidade, continuidade, engajamento e intimidade podem ser caras para uma abordagem ecológica. Recursos para essa aproximação foram leituras do trabalho de Mendieta em tom alegórico, mostrando ressignificações ontológicas em seu legado, que contribuem para o estabelecimento de intimidade com a natureza, que vem sendo historicamente apagada na era do Antropoceno. Enfim, pode-se afirmar que os estados hipersensíveis devem ser estimulados e valorizados na arquitetura, na vivência das cidades, para que as ambiências possam funcionar como guias de alerta para a conscientização das crises climática e ecológica, sendo a arte um poderoso meio para essa sensibilização.

Agradecimentos

Agradeço à CAPES, uma vez que o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Agradecimentos também aos professores do ProArq e da EBA, ambos da UFRJ, pelas aulas e por terem me apresentado autores como Thibaud e artistas como Ana Mendieta, cujo artigo é resultado.

Referências

ALESSANDRINI, C. WUERTZ, S. **The Met Museum**. Remembering Ana Mendieta. 2021. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/perspectives/articles/2021/10/from-the-vaults-remembering-ana-mendieta>. Acesso em: 04 fev. 2024.

ANA Mendieta: Fuego de Tierra. Direção de Nereyda Garcia-Ferraz, Kate Horsfield, Branda Miller. Produção de Kate Horsfield. Música: Nereyda Garcia-Ferraz. 1987. (49 min.), color. Apoiado por Illinois Arts Council, Joyce Foundation. Divulgado por The Met Museum. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=py4Zzdc3AzA>. Acesso em: 03 fev. 2024.

ANA MENDIETA: PARA CONHECER E ENTENDER A ARTE CONTEMPORÂNEA. Produção de Casa do Saber. Intérpretes: Sabrina Moura. 2018. (3 min.), Vídeo, P&B. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hRuQmpwHTcc>. Acesso em: 04 fev. 2024.

CANÇADO, W. Desconstrução civil. **PISEAGRAMA**, Belo Horizonte, n. 10, p. 102-111, mai. 2017. Disponível em: <https://piseagrama.org/artigos/desconstrucao-civil/> Acesso em: 12 fev 2024.

CRIST, E. (org.). O Mal estar do Antropoceno: rumo ao Chtuluceno?: a pobreza da nossa nomenclatura. In: MOORE, J. W. (org.). **Antropoceno ou Capitaloceno?**: natureza, história e a crise do capitalismo. São Paulo: Elefante, 2022. Cap. 1. p. 35-58.

Entre estética ambiental e ecologia: intimidade, engajamento e continuidade no trabalho de Ana Mendieta

Between environmental aesthetics and ecology: intimacy, engagement and continuity in the work of Ana Mendieta

Entre la estética ambiental y la ecología: intimidad, compromiso y continuidad en la obra de Ana Mendieta

HUYSEN, A. **Culturas do passado-presente: modernismo, artes visuais, políticas da memória**. Tradução de Pedro Fonseca. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014. ISBN 978-85-7866-098-7.

GALERIE LELONG & CO (Nova Iorque). Galerie Lelong & Co In Collaboration With P·p·o·w. **IRRIGATION VEINS: ANA MENDIETA AND CAROLEE SCHNEEMANN SELECTED WORKS 1966 – 1983**. 2020. Disponível em: <https://www.galerielelong.com/exhibitions/irrigation-veins-ana-mendieta-and-carolee-schneemann-selected-works-1966-1983/selected-works?view=slider#7>. Acesso em: 15 jan. 2024.

GORJON, M. G. COSTURAS POSSÍVEIS ENTRE A ARTISTA ANA MENDIETA, EM SILUETAS SERIES, E O PÓS-HUMANISMO PROPOSTO POR BRAIDOTTI. 130 Mundos de Mulheres & Fazendo Gênero 11: **Transformações, conexões, deslocamentos**, Florianópolis, v. 0, n. 0, p. 1-11, 03 fev. 2024. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499478275_ARQUIVO_gorjon_trabalho_completo.pdf. Acesso em: 03 fev. 2024.

GUATTARI, F. **As Três Ecologias**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1990.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-71832012000100002>.

LATINA, C& América. **Ana Mendieta**. s.a.. Disponível em: <https://amlatina.contemporaryand.com/pt/people/ana-mendieta/>. Acesso em: 05 fev. 2024.

FORTES, L. (São Paulo). Sp-Arte. **A trajetória de Ana Mendieta a partir de duas exposições no SESC Pompeia**. 2023. Disponível em: <https://www.sp-arte.com/editorial/a-trajetoria-de-ana-mendieta-a-partir-das-exposicoes-silhueta-em-fogo-e-terra-abrecaminhos/>. Acesso em: 03 fev. 2024.

MENDIETA, A. (The Estate of Ana Mendieta Collection, LLC). **Ana Mendieta**. 2025. Disponível em: <https://www.anamendietaartist.com/>. Acesso em fev. 2024.

MIRANDA, D. S. de. Quando o entre-lugar aponta para novas direções. In: **TERRA ABRECAMINHOS**, 1, 2023, SESC Pompeia, São Paulo. Exposição.

MENDONÇA, C. **O corpo como poética e política: a presença de Ana Mendieta**. 2021. Disponível em: <https://www.revistabado.com.br/2021/02/24/o-corpo-como-poetica-e-politica-a-presenca-de-ana-mendieta/>. Acesso em: 06 fev. 2024.

MOMA (Manhattan). **Ana Mendieta: Nile Born**. 1984. 2024. Disponível em: <https://www.moma.org/audio/playlist/309/4097>. Acesso em: 10 jan. 2024.

OWENS, C. The Allegorical Impulse: towards a theory of post modernism. **Jstor, The Mit Press**, v. 12, n. 0, p. 1-12, out. 1980. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/778575?origin=crossref>. Acesso em: 12 dez. 2023.

PAULO, H. de; FREITAS, M.; LABRA, D. Fronteira-morada como lugar entre poesia e retórica. In: **TERRA ABRECAMINHOS**, 1, 2023, SESC Pompeia, São Paulo. Exposição.

THIBAUD, J-P. A cidade através dos sentidos. **Cadernos ProArq**, Rio de Janeiro, v. 18, p. 2-16, 2012.

RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E DIREITOS AUTORAIS

A responsabilidade da correção normativa e gramatical do texto é de inteira responsabilidade do autor. As opiniões pessoais emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade, tendo cabido aos pareceristas julgar o mérito das temáticas abordadas. Todos os artigos possuem imagens cujos direitos de publicidade e veiculação estão sob responsabilidade de gerência do autor, salvo o direito de veiculação de imagens públicas com mais de 70 anos de divulgação, isentas de reivindicação de direitos de acordo com art. 44 da Lei do Direito Autoral/1998: “O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de 1º de janeiro do ano subsequente ao de sua divulgação”.

O CADERNOS PROARQ (ISSN 2675-0392) é um periódico científico sem fins lucrativos que tem o objetivo de contribuir com a construção do conhecimento nas áreas de Arquitetura e Urbanismo e afins, constituindo-se uma fonte de pesquisa acadêmica. Por não serem vendidos e permanecerem disponíveis de forma *online* a todos os pesquisadores interessados, os artigos devem ser sempre referenciados adequadamente, de modo a não infringir com a Lei de Direitos Autorais.

Submetido em 17/10/2025

Aprovado em 04/11/2025